



Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

A Moda no Trajo Português

Margarida Antunes

Assunto: Trajo

História, nº 3, Janeiro de 1979

Propriedade de
Publicações Projornal, Ld.^a

Director de Edições
José Carlos de Vasconcelos

HISTÓRIA

Director: Almeida Martins

Colaboram neste número Almeida Martins, António José Saraiva, Carlos Alberto Cutileiro, Eurico da Fonseca, João Medina, Margarida Antunes, Maria Leonor Machado de Sousa, Maria Leonor Neves, Neves Águas, Victor Amorim e Violeta Crespo Figueiredo.

Departamento Fotográfico: Joaquim Lobo e Inácio Ludgero, com a colaboração de Armando Vidal.

Departamento Gráfico: João Segurado e José Pinto Nogueira, com a colaboração de Joaquim de Brito.

Serviço de Apoio: Maria João Leitão Múrias e Teresa Brás (Documentação), Helena Garcia (Secretariado).

Sede da Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 232-r/c dt.º — Lisboa 2. Telefones: 574520 / 574594 / 574643. Telex: 18386.

Direcção Administrativa e Comercial: António Gomes da Costa e Henrique Segurado Pavão.

Chefe de Publicidade: Luis Figueiredo.

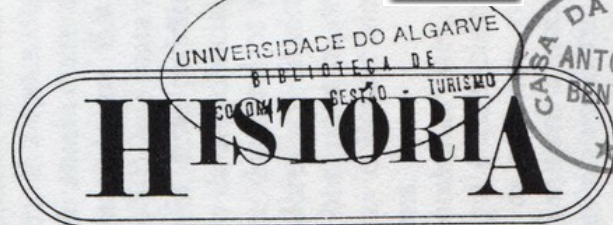
Serviços Administrativos e Comerciais: Rua Rodrigues Sampaio, 52, 2.º Telefones: 40437 / 41260 / 574520 / 574593 / 574643.

Composto na Intergráfica — Publicidade e Artes Gráficas, Limitada.
Avenida da Liberdade, 232-r/c dt.º — Lisboa 2. Telefones: 574520 / 574593 / 574643.

Impresso no «Jornal do Comércio»

Distribuição: Dijornal — Distribuidora de Livros e Periódicos, Limitada.
Rua Joaquim António de Aguiar, 64, 2.º dt.º — Lisboa 1. Telefones: 657350 / 657450 / 657870.

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação



Mensário
N.º 3 Janeiro de 1979

Sumário

Sidonismo e Salazarismo João Medina	2
As origens de Portugal António José Saraiva	14
A guerra de Espanha Almeida Martins	22
Os cárceres do Miguelismo Neves Águas	35
Actividade política de Solano Constâncio Maria Leonor Machado de Sousa ...	50
Exotismo no tempo de D. José Violeta Crespo Figueiredo	60
A moda no trajo português Margarida Antunes	70
O «canhão voador» Eurico da Fonseca	76
Figurinos Militares Carlos Alberto Cutileiro	84
Jogos de Guerra Victor Amorim	87
Noticias	93
Livros	95

No próximo número, entre muitos outros temas e autores, Joel Serrão regressará às nossas páginas com um estudo sobre o fenómeno de republicanismo em Portugal e José Freire Antunes evocará os primeiros levantamentos contra a ditadura, em Fevereiro de 1927.

BIBLIOTECA DE
ECONOMIA - GESTÃO - TURISMO
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA
N.º 240

Padrões de moda no traje europeu

Margarida Antunes

O traje, para além de constituir uma manifestação de arte decorativa, tem a nível social e cultural um papel muito mais importante. Com efeito, se a civilização é marcada por uma certa cultura ou discurso valorativo, o vestuário pode funcionar como elemento de ligação dessa mesma cultural-mentalidade com o exterior, espelho dos valores dominantes.

O vestuário, começando por ser uma necessidade vital antes de se tornar adorno, foi concebido pelo homem quer para defender o corpo dos rigores climáticos, quer para o preservar dos seus semelhantes, o que o levou a entrar nos hábitos sociais ainda que com fim utilitário.

A tendência para o embelezamento do corpo, fruto de um período de racionalização, acaba por transformar o utilitário em objecto de adorno, segundo um estilo criado à maneira do «gosto, sentir e pensar da época». A riqueza do material empregado e o requinte na sua colocação iriam, por outro lado, derivar em distinção de classe social. «As modas» passam a constituir uma expressão cultural, mesmo mítica. Falamos na linguagem socialmente dominante, ao mesmo tempo que impõem gestos e ritos

que constroem, impondo normas. São pois «representações colectivas que podem ser estudadas em sistemas de figuras expressivos da mentalidade cultural do grupo que as impõe». (1)

A moda feminina, por exemplo, é significante do estatuto social da mulher, insere num contexto onde o macho tem tido papel preponderante. Há, portanto, uma fala em cada moda. Há um mesmo padrão de moda, que está inevitavelmente inscrito em qualquer parte do quotidiano, que se impõe no tempo, dissimulando-se atrás das coisas, traduzindo os sucessivos modos de evolução das relações, no devir de uma civilização. O traje é bem o elemento significante de uma dada ordem histórico-social, onde vestuário e adornos nos surgem inscritos no real como produto de um inconsciente colectivo. «Em cada época, cada moda tem os seus signos (por exemplo, adornos), que não existem por si; é o social que torna o seu significado-significante». (2)

Descodificados os signos, a moda comunica com a história, prestando-lhe ao mesmo tempo importante tributo. Ela será um capricho consagrado pela sociedade, ou melhor, uma nova e ininteligível forma de tirania social.

Evolução da moda no traje português

O conceito actual de moda surge em Portugal no século XII. Antes dessa época, embora haja a registar modificações no vestuário, «difícilmente poderíamos interpretá-las como tradutoras de novas modas» (3). Estas transformações caracterizam-se no fundo pela verificação de profundas alterações económicas e pelo nascimento de uma nova classe social: a burguesia. De facto, o burguês, que vive na cidade directa e quotidianamente com os outros, necessita que o seu vestuário se revista de padrão condigno com a sua posição social, e com o seu dinheiro. A variedade do traje é também devida ao surgimento de novas condições de produção, nomeadamente o desenvolvimento da indústria têxtil, cujos centros principais fo-



Uma nobre portuguesa do século XVII, segundo um quadro da escola portuguesa da época, patente no Museu Nacional de Arte Antiga

ram a Flandres, a Inglaterra e a Itália.

Em Portugal, surge nos séculos XII e XIII um padrão importado dos reinos de Castela e Aragão. Usavam-se as vestes compridas e amplas, que escondiam a forma do corpo, com largas reminiscências da moda romana. Como peças fundamentais, a mulher usava camisa ou manto, e nos pés sapatos ponteagudos ou chapins de sola alta. Quanto ao vestuário masculino, ele vai ser grandemente influenciado nos anos de 300 e 400 pela «arte da guerra», vestindo o guerreiro, até aí, uma simples cota de malha até aos joelhos e chegada ao corpo, que o protegia eficazmente da espada e da seta. O padrão de moda é masculino e militar, alterando-se o traje. Este é encurtado, farpado, golpeado. Ex.: uma camisa, um saio até ao joelho, um pelote ou sobressaio, com a silhueta estilizada em X. Quanto ao cabelo, ele é cortado curto, pelas orelhas, e aparado à frente, sendo a barba rapada.

É nesta época (século XIII), que Paris constitui o centro cultural da moda e do traje. Nos fins da Idade Média (séculos XIII e XIV), o vestuário vai acompanhar a evolução dos estilos artísticos. Diz Oliveira Marques (op. cit.): «Reflecte a linha vertical, atinge o seu limite extremo. Torna ridículos os indivíduos baixos e gordos e torna elegantes os altos e magros.»

O padrão de moda é artificial. Luxuoso e místico. É a época dos extremos, em que o homem anseia entre o misticismo profundo e o prazer louco. É a época da peste negra (1348-50), que mata um terço da população europeia. Este padrão triste e mórbido é o quadro da decadência, onde se vai processar o corte dos quadros sociais estabelecidos e dos valores acreditados: fase do aparecimento da burguesia moderna, onde se «individualiza» o Renascimento e onde se opera a Reforma.

Se podemos dizer, enfim, que a moda em Portugal é essencialmente de imitação, é a partir da segunda metade do século XIV, que começam a notar-se grandes transformações no vestuário masculino, que iriam conduzir até à famosa linha X. O padrão é agora contraditório, em sintonia com a crise da época.

Durante a época áurea quinhentista, o traje feminino altera-se. Ao nível das peças fundamentais, a senhora vestia camisa ou vasquinha com decote em quadrado e manto curto; os sapatos eram arredondados na ponta e feitos em couro e tecido, usavam-se colares e braceletes. Em suma, a moda é essencialmente feminina e delicada. O homem usava gibão curto e mangas cortadas e golpeadas, com decote; sobre o gibão vestia pelote sem mangas, até ao joelho; as calças eram curtas e tufadas, com entrefolhos de cetim e veludo; os sapatos de couro arredondado na frente, eram por vezes golpeados no peito do pé, enquanto que o chapéu era de aba revirada. Datam também desta época sumptuosos bordados a ouro e pedras preciosas.

É a partir desta época que se dá a aceleração do ritmo da moda. Foi o Renascimento que criou a sede de inovação e multiplicou as escolhas a oferecer à sociedade europeia. A civilização italiana torna-se então o árbitro do bom gosto, seguida pela francesa. Quanto ao século XVII as influências da moda vêm dos padrões orientais, sobretudo da Índia.

Século XVIII e Império

A moda das cortes de França e Grã-Bretanha influenciou as elegantes portuguesas do século XVIII.

Em Portugal, a corte sabia recorrer-se do gosto europeu, conforme se observa num dos conjuntos expostos no Museu Nacional do Trajo, em Lisboa (de que falaremos detalhadamente no próximo número). Compõe-se este de casaco e vestidos confeccionados nos melhores tecidos lavrados, espoliados a prata e ouro e bordados a seda policroma. Como acessórios, temos jóias complementares, fivelas, botões, leques e pequenas bolsas. Quanto aos vestidos, eram na primeira metade do século muito amplos e com pre-

gas nas costas, «Pris Watteau», montados sobre uma armação de metal formada com barbas de baleia — o bambolim.

O homem usava véstia, onde eram normalmente feitos ricos bordados e aplicados belíssimos botões, com largos punhos revirados; colete de trama, brocado ou seda branca com bordados policromos e camisa branca com gravata plissada ou de renda. O calção descia abaixo do joelho, onde prendia com liga de fivela ou laço. Na cabeça colocava a peruca encarnada e um chapéu de feltro de aba larga. Em meados do século surgem ainda diversos acessórios inovadores: xailé de cachemira — influência oriental — e o «spencer». Deste período possui o Museu Nacional do Trajo notável coleção de trajes masculinos, não só pelos riquíssimos tecidos, mas também pelos bordados cujas tradições entre nós são sobejamente conhecidas.

Trajo Império

No princípio do século XIX temos decoração tipo Império no bordado de que plumas e liras são ainda a base. O padrão de moda é revolucionário, pois França dita a moda e, como se sabe, vive-se então naquele país uma situação revolucionária; entre nós, a crise superveniente à Revolução de 1820 conduz ao descalabro económico: o gosto não acompanha na íntegra a moda parisiense (como se vê nos jornais da época). Em Paris os vestidos enfeitam-se, talhados em tecidos leves e transparentes, «linha Império»; a cintura é muito alta marcada com cinto ou fita; a saia direita com pequeno franzido ou pregas soltas; o decote é quadrado, as mangas curtas de balão ou compridas «à mameluca»; os sapatos são rasos e decotados. Na cabeça usam-se toucas e turbantes sobre os cabelos curtos; as jóias sem grande ostentação tinham topázios e corais.

O homem simplificou também a sua saca, usando-a bordada só nas grandes cerimónias; o colete, curto, podia ser confecio-



Retrato de D. Afonso V (século XV), mostrando a tendência da moda para a estilização do corpo humano em X (de um manuscrito da biblioteca de Stuttgart)

nado noutro tecido deixando aparecer a gravata de seda branca; o calção era justo; usava ainda um casaco ou capotão e chapéu alto.

Romantismo (1830-1860)

Mantém-se no «período Romântico» o padrão da «época Revolucionária». O gosto pela Idade Média próprio dos românticos vai manifestar-se também a nível do traje, manifestando-se numa maior sobriedade ou mesmo austeridade na forma de vestir; os vestidos têm saias de vários folhos, cinturas marcadas, terminando em bico, mangas muito franzidas nos ombros. Rendas, laços, fitas, bordados usam-se com grande profusão, dando a esta época o autêntico sabor fe-

minino romântico. Sobre os ombros usava-se xaile de cachemira ou seda; os vestidos eram opulentos. Quanto ao cabelo, usavam-no as damas encanudado de risca ao meio; o chapéu era pequeno com fitas caídas e os turbantes tinham plumas. A imperatriz Eugénia de Montijo, mulher de Napoleão III, cria a última moda nas cortes europeias e Paris torna-se definitivamente o centro de elegância feminina. Estão em plena moda os «dandys», de que fora principal mentor «Lord» Brummel (1774-1840); a ele se deve a sobriedade que será a característica essencial da indumentária masculina durante todo este século. A casaca cintada, por sua vez, simplifica-se; usa-se o colete junto da baeta, fantasiada e com muitos bordados; calças justas descem quase até aos tornozelos; gravata larga muito comprida dando várias voltas ao pescoço com um nó; chapéu alto de feltro, luvas e bengala são acessórios indispensáveis.

Alexandre Herculano, ao descrever um dia de festa, dá algumas imagens úteis e interessantes para a caracterização do traje e gosto da sua época (e com a grande vantagem de nos proporcionar imagens do campo): «... a gente não só da aldeia mas também dos casais e lugares vizinhos afluindo de contínuo enchiam a igreja, e o portão, que ia a maior, principiava a variar os chapéus, os xailes, e os vestidos das aldeãs mais opulentas que tinham obtido transfigurar-se horrendamente com os trajes das peralvilhas da capital, os quais harmonizavam tão bem com aqueles corpos mal acepilhados e robustos. (...) A honestidade das raparigas, entendiam aquelas matronas de virtude tão sólida como as suas sapatas, tinha ido por ares e ventos, envolta nos farrapos das humilhadas saias de baeta vermelha, das abandonadas roupinhas de pano azul e das piramidais carapuças. A devassidão, embrulhada nos vestidos de chita, de lã e de seda e metida entre o forro dos chapéus de palha, penetrava no seio das famílias e tudo estava perdido. (...) Era que esses trajes tornavam contrafeitas as raparigas aldeãs, matabam a poesia campestre, associavam ao idílio a valsa e o «whist» e como que impreg-

navam a atmosfera, pura, brilhante e livre dos miasmas repugnantes que povoam o ambiente pesado e abadiço da tertúlia cortesã...»

É interessante analisar algumas frases deste extracto que nos permitem uma ideia do traje entre as raparigas do campo. A chita predomina — será ela signo de uma qualquer moda local? Tanto mais que os vestígios que existem de trajes históricos — quer do romantismo quer de qualquer outra época — foram indiscutivelmente, na sua maioria, usados por grupos determinados de pessoas privilegiadas, da alta nobreza ou da aristocracia.

Na Viragem do século

O quadro cultural desta época está dominado pelo desenvolvimento das técnicas. O industrialismo conduz a uma difusão universal do traje europeu; assiste-se na Europa a movimentos de reestruturação política, económica e social.

A melhoria e rapidez dos meios de transporte permitem intensificar as permutas artísticas internacionais; foi o período das grandes «Exposições Universais», em que se incluem a costura francesa e inglesa.

Desenham-se dois tipos de indumentária que irão prevalecer no século XX: a criação elaborada dos grandes costureiros como Worth, Rouff, Doucet, Madeleine, Vionne (franceses) e Redfern, Peter Robinson (ingleses) e a dos grandes armazéns (Louvre, Bon Marché, Samaritaine, Printemps) cuja intenção principal leva ao desenvolvimento de um estilo sóbrio e prático, acessível a camadas mais vastas da população.

Os homens mantêm o mesmo tipo de indumentária, tornando-se clássico o uso da calça, colete e jaquetão ou paletó. Esco-



Um par elegante da década de 1830-40 (gravura da época)

lhiam para visitas e jantares a sobrecasaca, larga, de baeta, assertoada; para bailes e cerimónias, a casaca; como traje de rua, o jaquetão. Como acessórios aparecem o chapéu de coco, o chapéu mole e o «cannotier». As luvas e um bastão são indispensáveis. As botas eram de «lustro», pontiagudas.

Depois da guerra de 1870 a mulher passa a usar tons sombrios em conjuntos de duas peças. A saia com cauda é guarnecida de folhos; tem uma armação atrás, «tournure». Os acessórios são o leque, a sombrinha, as luvas de renda e os chapéus, pequenos e com flores. Cerca de 1880, a moda divide-se entre um estilo frívolo muito justo e com decoração fantasiosa de romantismo decadente e o corte «alfaiate» de influência inglesa.

A partir de 1898, época mundana por excelência — Belle Époque — surge uma silhueta influenciada pela «Arte Nova». A saia apresenta-se como um sino, as blusas têm gola alta e são acompanhadas de romeiras ou capas e de enormes chapéus com plumas, penas, laços e flores.



A moda feminina cerca de 1890 (reprodução de uma gravura de *A Estação*, *Jornal Ilustrado para a família*)

Os «loucos anos 20»

A moda dos chamados «anos 20», «anos loucos», ou «estilo 1925», está interligada às influências que deram a esta época a sua fisionomia: a literatura, o teatro, as artes decorativas e plásticas. A Exposição Nacional das Artes Decorativas efectuada em Paris no ano de 1925, foi um dos acontecimentos mais importantes desta década, e nela a moda esteve largamente representada.

Nesta época de pós-guerra, as mulheres iniciam uma vida social mais activa, exigindo trajos adaptados à nova forma de viver; os vestidos conhecem uma total ausência de formas, o busto é abolido, a cintura é descaída, a altura das saias sobe uns centímetros, permitindo uma maior mobilidade. Os vestidos de noite, de saia igualmente curta, são bordados a pérolas, a lantejoulas, a vidrilhos, com rendas prateadas ou douradas,

com plumas tingidas na cor dos tecidos, numa demonstração de imaginação criadora.

Para confeccionar os vestidos direitos e soltos foram escolhidos o «crepe» («Chipe», «Georgette», «Marrocain», «Satin») a «voile», «musselina», «chifon» e «lamé». Os tecidos de cores deslumbrantes como os de Dufy, ou reflectindo as experiências cubistas de Sonia Delaunay são de extremo requinte.

Para terminar, reflitamos um pouco sobre aquilo que é a moda, qual o seu papel social e como actua face ao traje.

Hoje mais do que nunca, os padrões de moda actuaem como factor de integração social, conduzindo a uma estandardização progressiva de modelos de indumentária um número maior de pessoas, retirando a algumas formas do traje o carácter artístico que eventualmente pudesse ter tido (lembramos, por exemplo, da Renascença).

Mas as modas continuam, apesar disto, a ser produto dos grupos mais vastos ou mais representativos, espalhando-se muito rapidamente pela comunicação e impedindo muitas vezes «gostos de sinal contrário». A moda tem tal força que hoje o costume procura ir ao seu encontro fazendo-lhe concessões e funcionando como modelo de comportamentos de uma relativa permanência, único elemento que torna possíveis os caprichos da moda. No entanto, não é em muitos casos mais do que a inovação desta, mais do que torná-la actual.

Hoje tende-se, todavia, para uma universalização das modas tornadas «mitos». De qualquer modo, os adornos, tecidos ou enfeites usados pela mulher em diferentes épocas não são produto do acaso: têm, pelo contrário, um sentido e objectivo social, independente sempre da forma, cor ou tamanho.

(1) R. Barthes — in «Ensaio Crítico» — Lx. Ed. 70. 1974

(2) E. Sapir — L'Anthropologie — Seuil — Points Ed. Minuit Paris 1967

(3) A. H. Oliveira Marques — «A Sociedade Medieval Portuguesa». Sá da Costa — Lisboa 1964, 1.ª Edição.